



Árias de Bravura para Tenor

La Nave Va e Marcel Beekman

ORQUESTRA BARROCA

08 de agosto • 21h30

Mosteiro de Alcobaca • Cerca

Programa

Antonio Vivaldi (1678-1741)

L'Olimpiade
Sinfonia da ópera L'Olimpiade

Gelido in ogni vena
Ária de Farnace da ópera Il Farnace

Antonio Soler (1729-1783)

Fandango
Arranjo de António Carrilho

Georg Friedrich Händel (1683-1759)

Empio, empio per farte guerra
Ária de Bajazet da ópera Tamerlano

Jean-Philippe Rameau (1683-1764)

Entrée de Polymnie
Da ópera Les Boréades
Arranjo de António Carrilho

Lieux funestes
Ária de Dardanus da ópera Dardanus
Arranjo de António Carrilho

Francisco António de Almeida (1714-1782)

Dal mio brando fulmant
Ária de Oloferne da oratória La Giuditta

Giovanni Battista Ferrandini (ca.1710-1791)

Concerto para Flauta em Mi menor
Spiritoso ma moderato
Adagio
Allegro

Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791)

Fuor del mar ho un mar in seno
Ária de Idomeneo da ópera Idomeneo
Arranjo de António Carrilho

Marcel Beekman, tenor

La Nave Va
António Carrilho, direção e flauta solo

COM O ALTO PATROCÍNIO
DE SUA EXCELÊNCIA



O Presidente da República

Organização



2020
ANOS



Parceria
institucional



Apoio a
Programação Digital



Patrocinador
Programação Em Rede



Transporte
Oficial



Parceiros
media



Membro de



Consulte a programação completa em www.cistermusica.com

Notas à margem

O concerto de árias de bravura para tenor presenteia o ouvinte com momentos típicos da condição humana, sendo o desespero, o sentido de tragédia, a vingança e o amor os temas centrais deste recital de virtuosismo e expressividade vocais. Num ambiente de dramatismo onde, à vez, pulula a morte ou saboreia-se uma fugaz réstia de esperança, as obras tomam vida na voz do aclamado tenor holandês Marcel Beekman sob a direção de António Carrilho.

Nesta pungente ária da ópera *Il Fernace* de Antonio Vivaldi, sente-se a angústia do pai Fernace perante o que, crê ele ser o túmulo do seu filho. O drama intensifica-se de forma expressiva, sonora e dramática com a palavra “terror”, num grito de dor lancinante. O peso da tragédia iminente faz-se sentir nos cromatismos descendentes e dissonâncias nas cordas, dando lugar ao desespero.

Fandango do Padre Antonio Soler é originalmente escrito para cravo solo. Na leitura de La Nave Va e num arranjo de António Carrilho, surge uma versão orquestral da famosa dança ternária rápida, fruindo dos timbres e cores do agrupamento. Na ária *Empio, empio per farte guerra* da ópera *Tamerlano* de G. F. Händel, o sultão turco Bajazet em cativeiro jura que o seu espírito atormentará, após morrer, o seu captor, o imperador Tamerlano.

A *Entrée de Polymnie* da ópera *Dardanus* de J. Ph. Rameau, surge como a chegada da musa Polymnie numa prece feita por Abaris ao Deus Apollo e à musa

Polymnie para lhe darem forças para salvar a sua amada Alphise raptada por Boreas. A versão interpretada neste concerto é um arranjo de António Carrilho.

Também de Rameau a ária *Lieux funestes* da ópera *Dardanus*, pela voz de Dardanus no 4º Ato. O filho de Zeus e Electra é aprisionado pelos Frígios e nesta ária narra o desespero, a vergonha e a dor no seu cativeiro num constante diálogo com os instrumentos nos quais impera a dissonância, lamentando assim a perda do seu amor, a princesa Iphise para o seu rival Anténor.

De Francisco António de Almeida a ária de coloratura *Dal mio brando fulminant*, Holofernes promete destruir os seus inimigos que se insurgem contra as suas legiões, numa agitação sem piedade. G. B. Ferrandini no seu concerto para flauta e orquestra em 3 andamentos, impera o sentimento de sublimação da dor e medo, através de um ambiente acutilante repleto de dissonâncias e intervalos diminutos.

Com W. A. Mozart surge *Fuor del mar ho un mar in seno*, ária de Idomeneo o rei de Creta que, compreendendo que Ília está apaixonada pelo seu filho Idamantes, exprime a sua aflição por este amor. Idomeneo fizera uma promessa a Poseidon, que caso poupasse a sua frota do terrível vendaval, sacrificaria a primeira pessoa que encontrasse em terra. Sem o saber, encontra os seu filho Idamantes.

Marcel Beekman

“Inesquecível a performance do tenor holandês Marcel Beekman no *Platée*”, refere o *The New York Times* depois da estreia do cantor no papel principal da ópera de Rameau, enquanto o *Süddeutsche Zeitung* descreve-o como “um milagreiro, mestre dos cantores” e o *Wiener Zeitung* elogia a sua performance com estas palavras: “Impressionante!... a desafiar a gravidade!”. Marcel Beekman é reconhecido pelas suas interpretações do repertório operático, bem como pelas suas performances no âmbito da música antiga e contemporânea. Tem interpretado o melhor do repertório barroco alemão, francês e italiano na Europa, nos Estados Unidos, no Médio Oriente, África do Sul e Japão, nos mais célebres palcos e festivais e sob a direção especializada de, por exemplo, William Christie, Leonardo García Alarcón, Frans Brüggen, Christophe Rousset, Richard Egarr e Reinhard Goebel. Tem trabalhado ainda com Simon Rattle, Daniele Gatti, Mark Elder, Iván Fischer, Jérémie Rhorer, Claus Peter Flor, Ariane Matiakh, Steven Sloane e Ed Spanjaard e com estas orquestras: Royal Concertgebouw Orchestra, WienerPhilharmoniker, Berliner Philharmoniker, Los Angeles Philharmonic, Orchestra of the 18th Century, Les Arts Florissants, Cappella Mediterranea, Helsinki Baroque Orchestra, Collegium 1740, ASKO|Schönberg, Orchestre de Chambre de Paris, Stavanger Symfoniorkester, Israel Camerata e a Orchestra Sinfonica di Milano Giuseppe Verdi.

Mas Marcel Beekman é também conhecido pela sua excecional habilidade em interpretar o repertório mais vanguardista, tendo trabalhado com maestros como Reinbert de Leeuw, Sylvain Cambreling, John Adams, Marc Albrecht, Avner Biron e Jonathan Stockhammer em obras de Igor Stravinsky, Alban Berg, Benjamin Britten, Nicolas Obouhov, Pascal Dusapin, Edison Denisov, Mauricio Kagel, Witold Lutoslawski, Joseph Bardanashvili, Gottfried von Einem e György Kurtág.

Tem igualmente estreado muitas obras compostas excecionalmente para a sua voz: Calliope Tsoupaki, Martijn Padding, Roderik de Man, Micha Hamel, Elmer Schönberger, Jacques Bank, António Chagas Rosa e Jeff Hamburg escreveram para ele, assim como a mais jovem geração de compositores holandeses: Reza Namavar, Joost Kleppe, Anke Brouwer, Bart Visman e Matthias Kadar.

O repertório operático por ele interpretado inclui o papel de Berenice da ópera *L'Ipermestra de Cavalli* (cujo CD foi lançado em 2019), o papel principal no *Platée* de Rameau, o papel principal de *Pygmalion*, *Damon*, *Don Carlos* e *Les Indes Galantes*, todas de Rameau, mas também em *Les Fêtes Véniennes* de Campra, em *Granida* de P.C. Hooft, bem como o papel de Arnalta e Nutrice em *L'Incoronazione di Poppea* (cuja produção em Salzburgo foi publicada em CD e DVD em 2019), o papel de Eumete

em *Il Ritorno d'Ulisse in Patria* e o papel principal no *Orfeo* de Monteverdi, de Don Chisciotte em *Sierra Morena* de Conti, de Germanico em *Arminio* (Biber), de Pedrillo em *O Rapto do Serralho* de Mozart, de Basilio e de Don Curzio em *Le Nozze di Figaro*, também de Mozart, de Skrajagin em *Skupoy* de Pashkevich, do Prince Nilski em *Igrok* de Prokofiev, de Adrian em *Der Sturm* de Martin, de Ein Tanzmeister em *Ariadne auf Naxos*, de 1, 2 e 4 em *Judas Salomé* de Strauss (“a melhor execução no quinteto de judeus em brigas foi a da voz cortante do tenor Marcel Beekman”); e ainda o papel de Le Cabaretier na ópera *Benvenuto Cellini* de Berlioz, de Ulrich Eißlinger em *Die Meistersinger von Nürnberg* de Wagner, de Mime em *Das Rheingold and Siegfried*, também de Wagner. E ainda: de Hauptmann e Narr em *Wozzeck* de Alban Berg, do Primo Sacerdote em *Il Prigioniero* de Dallapiccola, de Pégase, Sénéchal e Prêtre em *L'Écume des Jours* de Edison Denisov (International Diaghilev Award 2013). E ainda o papel principal em *Jonah the Naysayer* de Willem Breuker, de Arthur Rimbaud em *Nuit de l'Enfer* de Roderik de Man, de Laki Topalovic em *Maratonci* de Isidora Zebeljan, de Zamar em *Legende* de Peter-Jan Wagemans, de Ricardo em *Laika* de Martijn Padding, de La Commedia e do Papa Innocenzo XI em *Theatre of the World* de Louis Andriessen.

A imprensa holandesa tem-no aplaudido para este último papel referido, descrevendo-o como um “Papa formidável, tocante e brilhante”. Com a Los Angeles Philharmonic tem gravado em 2017 um CD duplo da produtora Nonesuch que foi a seguir nomeado na BBC Music Magazine Awards 2018, na categoria de ópera.

Marcel Beekman tem ainda trabalhado na Dutch National Opera, no Theater an der Wien, na Opéra Comique de Paris, no Théâtre du Capitole Toulouse, no Staatstheater Stuttgart, no Salzburger Festspiele, no Bregenzer Festspiele, na Opéra de Dijon, na Opéra Royal de Versailles, no Holland Festival, na Brooklyn Academy of Music, no Lincoln Center e no Carnegie

La Nave Va

O ensemble barroco La Nave Va foi criado em 2004 por António Carrilho e Luisa Tavares, com o objetivo de redescobrir e trazer a cena o repertório de câmara vocal e instrumental dos sécs. XVII e XVIII, tocado em instrumentos de época. Tem a direção artística e musical de António Carrilho.

O nome, inspirado no imaginário de Frederico Fellini, evoca aventuras, descobertas, viagens pelo mundo e pelo tempo, tendo por veículo a música. Ousaremos transportar-vos a tempos idos, a salões de castelos e palácios, a igrejas e capelas, e até a velhos teatros onde outrora muita música soou, muitos risos, suspiros, lágrimas e silêncios se escutaram. E vibraram corações sem idade. Os instrumentos e as vozes, ora apenas uma, ora duas ou três, o lânguido acorde de um alaúde, ou o

Hall New York, com os maestros Robert Carsen, Barrie Kosky, Pierre Audi, Ivo van Hove, Claus Guth, Jean-Yves Ruf, Stefan Herheim, Tatjana Gürbaca (a imprensa descreveu assim o seu papel na Vienna Ring-Trilogie de 2017: “fantástico”, “um tenor poderoso, com uma expressividade impressionante”, “extremamente literal”, “uma interpretação deliciosamente vibrante” e “o agilíssimo tenor holandês Marcel Beekman brilha no seu papel controverso, ostentando a sua kippah”). E ainda com os maestros Hal Hartley, Nicola Raab, Jan Lauwers, Marcel Sijm e Krzysztof Warlikowski.

Na produção da DNO da ópera *Wozzeck*, realizada em 2017, a interpretação de Beekman no papel de Der Hauptmann foi distinguida internacionalmente pela sua excelência, pelo seu desempenho sádico e maníaco, mas também “excecional” e “absolutamente único”. Recentemente, desta produção, foi lançado o DVD.

A temporada 2019/20 do Festival de Salzburgo abriu com a ópera *Orphée aux Enfers*, onde Marcel Beekman interpretou os papéis de Aristée e de Pluton. Sobre este trabalho escreveu o Diapason Magazine: “Os méritos da perfeita união entre música e palavra são todos para Marcel Beekman, pela sua interpretação de um Pluton perfeitamente idiomático, que vagueia pelas alturas com os passos ligeiros de um tenor exorbitante”; e ainda o Frankfurter Allgemeine Zeitung escreveu: “Plutão pelo brilhante tenor Marcel Beekman, que oferece um virtuoso falsete que evoca a Rainha da Noite.” Os próximos eventos em que irá participar contemplam a estreia mundial do *Liknon* do compositor grego Calliope Tsoupaki, uma tournée europeia com William Christie para celebrar os 40 anos dos *Les Arts Florissants*, a nova ópera *Voyage Vers l'Espoir* de Christian Jost numa série de performances que serão levadas a cabo no Grand Théâtre de Genebra, assim como a *Carmina Burana* na Opéra de Montpellier e outros concertos em Holanda, França, Alemanha, Espanha, Portugal e Reino Unido.

som de uma flauta a flutuar no espaço... A Música de Sempre.

Este ensemble já se apresentou, com diversos programas e formações, na Temporada de Cravo de Óbidos, no Festival de Música do Bombarral, Festival de Ópera de Óbidos, Festival Are-More em Vigo, no Europarque, no Centro Cultural de Belém, no festival de Sintra.

As suas produções mais ambiciosas, tanto pelo número de participantes como pelos meios envolvidos, foram as óperas de câmara *Dido and Aeneas*, de Henry Purcell e *La Déscente d'Orphée aux Enfers*, de Marc-Antoine Charpentier, realizadas em Vigo, em Óbidos, em Alpiarça (em associação com a produtora Eventos Ibéricos) e no Auditório de Espinho.

António Carrilho

“...um dos músicos mais versáteis e talentosos do nosso país como do mundo da música erudita a nível global...”

“A sua destreza impressiona ainda mais pelo facto de se evidenciar também no repertório de outras eras, incluindo a da música contemporânea, demonstrando conhecer as particularidades que distinguem mundos musicais bem diversos.”

“É também notável o à vontade por si demonstrado em *cadenzas* e improvisos que desafiam a criatividade e a espontaneidade só ao alcance dos melhores.”

“...não há dúvida de que temos em si um dos grandes vultos da interpretação musical do nosso tempo, e só espero que o saibamos merecer tanto em Portugal como no resto do mundo...”

João Almeida, Diretor da Rádio Difusão Portuguesa

Concertista, criador conceptual de conteúdos, professor em Masterclasse e diretor musical, António Carrilho divide a sua atividade musical entre a flauta de bisel e a direção, abrangendo um repertório que vai desde o Trecento italiano até à música mais recente dos nossos dias sem deixar, no entanto, de interpretar e transcrever a música do século XIX.

Foi solista com as orquestras Gulbenkian, Sinfónica Portuguesa, Metropolitana de Lisboa, Orchestrutopica, Den Norsk Katedralensemblet (Noruega), Sinfonietta de Lisboa, Divino Sospino, Os Músicos do Tejo, Orquestra Barroca de Haifa (Israel), Orquestra Sinfónica da Póvoa de Varzim, Orquestra Barroca de Nagoya (Japão), Orquestra de Cascais e Oeiras, Concerto Balabile (Holanda), Orquestra de Câmara da Madeira, Orquestra Barroca do Amazonas (Brasil) e premiado nos Concursos Internacionais Recorder Moeck Solo Competition (Inglaterra), assim como Recorder Solo Competition of Haifa (Israel).

É diretor artístico e musical de La Nave Va, assim como é diretor musical e solista de La Paix du Parnasse (Espanha) — membro da associação “Grupos Espanhóis de Música Antiga” e faz parte dos agrupamentos Syrinx: XXII — membro da associação “Chamber Music America”, Syrinxello, Borealis Ensemble, Orlando Furioso, Os Músicos do Tejo e diretor musical de Melleo Harmonia Antigua, apresentando-se em importantes festivais na Europa, América, Oceania e Ásia.

Gravou para as etiquetas: Encherialis, Numérica, Naxos, Secretaria de Estado de Cultura do Estado do Amazonas, DGartes/MPMP, portugaler, dialogos, Arte France/ RTP.

Destacam-se as gravações do concerto para flauta e orquestra de Nuno da Rocha, a gravação da Suite concertante para flauta e cordas de Sérgio Azevedo, assim como a gravação da obra integral de Bartolomeu de Selma y Salaverde com o agrupamento japonês Antonello. Gravou para a mpmp com a orquestra Divino Sospino a gravação do concerto para flauta e orquestra de Nuno da Rocha. Vai lançar com Syrinx: XXII um CD na etiqueta francesa Musik Fabrik.

Dirigiu *Dido and Aeneas* e *The Fairy Queen* de Purcell, *La descente d'Orphée aux enfers* de Charpentier, *La Serva Padrona* de Pergolesi, *La Dirindina* de Scarlatti, *Don Quijote chez la Duchesse* de Boismortier, *Orfeu* de Monteverdi, *Venus and Adonis* de John Blow, *Arlechinatta* de Salieri, *Orfeo & Eurydice* de Gluck, cantatas de Bach e Telemann, assim como obras de Tchaikovsky, Holst, Mendelssohn, Mozart, Sibelius, Nielsen, Piazzolla, Stockhausen...

Ministra Masterclasses nos Cursos Internacionais de Música Antiga de Urbino em Itália, Lisbon's Masterclass e nos Cursos Internacionais de Música da Casa de Mateus (também com o cargo de diretor pedagógico) em Portugal, tendo orientado cursos e estágios em países como Portugal, Austrália, Holanda, Espanha, Alemanha, Itália, Índia, Japão e Brasil.

É Professor Adjunto na ESART - Escola Superior de Artes Aplicadas -, lecionando Flauta de bisel e Música de Câmara (coordenador da disciplina). Leciona na ANSO - Academia Nacional Superior de Orquestra.

É licenciado e Mestre pelo Conservatório Real de Haia (Países Baixos). António Carrilho detém uma Especialização em flauta de bisel e em música de câmara pelos Institutos Politécnicos de Lisboa, do Porto e de Castelo Branco, tal como é formador na área artística.

Estuda direção de orquestra com Jean Marc Burfin.



É expressamente proibida a captação de imagens e som durante o espetáculo. Desligue o telemóvel, desfrute e grave na sua memória. Poderá rever os melhores momentos no website e nas redes sociais do festival.